Dia 15 — Santo Henrique, Imperador, e São Camilo de Lélis, Fundador

Nasceu no castelo de Abaúdia, sobre o Danúbio, no ano de 972, sendo seu pai Henrique, duque da Baviera, e sua mãe Gisela, filha de Conrado, rei da Borgonha. Administrou-lhe o santo batismo Wolfgang, bispo de Ratisbona, o qual, sentindo dentro de seu coração certos secretos anúncios da futura santidade do terno príncipe, quis encarregar-se de sua educação; e o criou com o maior cuidado, inspirando-lhe os mais puros princípios da piedade cristã. Imprimiu-lhe tanto horror ao vício que não podiam ser mais inocentes os costumes do menino Henrique. Contribuíam muito para a eficácia das salutares instruções do santo prelado o belo natural do príncipe, seu coração reto e compassivo, seu engenho tão pronto como dócil, seu ar aprazível, mas ao mesmo tempo majestoso, e uns modos nobres, naturalmente gratos, desembaraçados e atentos. Prevendo São Wolfgang os grandes bens que prometiam à Igreja e ao Estado as virtuosas inclinações e os elevados talentos de seu discípulo, não poupou meio nem diligência para formar nele um grande santo e um grande príncipe.

Logrou-o tudo felizmente. Aproveitou-se Henrique admiravelmente das lições que ouvia de tão hábil como experimentado mestre; e em poucos anos fez assombrosos progressos na difícil arte de obedecer a Deus e mandar aos homens. Morto Wolfgang, nem por isso se desviou um ponto o príncipe daquele método de vida que havia entabulado por seu conselho; e, crescendo com os anos a virtude, era já o príncipe da Baviera a admiração de todas as cortes quando a morte lhe tirou seu querido mestre. Sentiu e chorou esta perda como era justo; e, para achar algum consolo em sua dor, todos os dias passava muitas horas de oração sobre sua sepultura, regando-a sempre com ternas e doces lágrimas.

Dormia uma noite o príncipe em seu quarto e sonhou que estava sobre a sepultura de São Wolfgang, parecendo-lhe que via o mesmo santo e que com o dedo lhe mostrava um letreiro escrito na parede, mandando-lhe que o lesse; mas que ele, por mais que se esforçava em lê-lo todo, não pôde passar destas duas palavras: *Post sex*, depois de seis. Tendo despertado, começou a discorrer que poderia significar aquele misterioso sonho; e concluiu que sem dúvida lhe dava a entender que havia de morrer dentro de seis dias, com cujo pensamento só se empregou em dispor-se para a morte, acrescentando a suas devoções muitas esmolas e grandes penitências aos sacramentos da confissão e da Eucaristia. Achava-se pronto seu rendido coração quando, tendo passado os seis dias e não experimentando novidade em sua saúde, julgou que se havia equivocado, entendendo por seis dias os que eram seis meses; e, rendendo ao Senhor muitas

graças porque lhe concedia mais tempo para dispor-se a morrer, passou aqueles seis meses em orações, em penitências e em boas obras. Ao cabo dos seis meses, como viu que tampouco lhe faltava a saúde, creu que ainda não estava em disposição de apresentar-se aos olhos de Deus e que sua misericórdia lhe concedia ainda outros seis anos de vida. Aproveitou-se da ocasião e, persuadido de que estava muito próxima sua derradeira hora, negociava tudo para o céu. Desprendido de tudo o terreno, unicamente suspirava por seu amado; e, aceso em amor de Jesus Cristo e numa terna devoção à Santíssima Virgem, passava os dias e as noites ao pé dos altares, de onde não se arrancava senão para exercitar-se em outras boas obras. Assim ia o Senhor dispondo aquela grande alma para preservá-la do veneno das grandezas humanas, em meio das quais havia determinado sua amorosa providência fazê-lo santo. Com efeito, passado o termo dos seis anos e tendo morrido Otão III, foi Henrique eleito imperador e sagrado rei da Germânia por Willigis, arcebispo de Mogúncia; e não se pode explicar o gozo de toda a Alemanha com a notícia da eleição de tão santo rei, sendo universal o aplauso.

Já havia alguns anos que Henrique estava casado com Santa Cunegundes, filha de Sigfrido, primeiro conde de Luxemburgo; mas, como eram tão parecidos os costumes, havia unido a virtude aqueles dois corações com um vínculo tão puro como eram castas as almas; e desde o primeiro dia do casamento mutuamente haviam convindo, por um heroísmo de virtude tão rara como magnânima, que viveriam e se amariam como irmão e irmã.

Foi ungido e sagrado o rei no dia 7 de junho do ano 1002; e a 10 de agosto do mesmo ano dispôs que fosse coroada a rainha. Em nada alterou a nova dignidade o exemplar método de vida que observava o santo rei; só acrescentou novo esplendor a sua virtude, servindo sua elevação unicamente para a maior exaltação da Igreja e seu poder para maior triunfo da religião. Impôs-se desde logo por primeira de suas obrigações o sacrificar seu descanso à felicidade dos povos, fazendo seus próprios os interesses de seus vassalos. Dedicou seus primeiros desvelos a que reinasse a justiça em seus estados e a corrigir desordens que turbavam a quietude pública e desconcertavam a disciplina da Igreja. Irritou a muitos príncipes alemães o zelo do virtuoso monarca: ao descontentamento seguiu-se a rebelião; mas a moderação e a prudência de Henrique a sufocaram em seu mesmo nascimento. Reduziu os rebeldes a seu dever e aproveitou-se admiravelmente da paz para fazer que florescesse na Alemanha a religião. Enriqueceu muitas igrejas com grandes dádivas sua piedosa liberalidade e reparou as de Hildesheim, Magdeburgo, Estrasburgo e Merseburgo, quase de todo arruinadas pela barbárie dos esclavões. Apoderaram-se estes bárbaros da Polônia e da Boêmia; juntou Henrique suas tropas e marchou contra aqueles inimigos da Igreja e do Estado. Logo experimentou as vantagens que leva o que combate pela causa de Deus. Conhecendo que seria forçoso vir às mãos, foi sua primeira diligência pôr sua pessoa e seu exército sob a proteção dos santos padroeiros do país, singularmente de Santo Adriano, cuja espada foi tomar em Walbeck, onde se conservava como preciosa relíquia. Na véspera da batalha mandou que comungassem todos os soldados, dando-lhes ele mesmo exemplo; e, no dia seguinte, tendo-se avançado os inimigos com um ar fero e arrogante, o rei, que era um dos maiores capitães de seu tempo, ordenou seu exército em batalha. Não o acovardou o número dos bárbaros, ainda que era o dobro do dos alemães; e, tendo percorrido pessoalmente as linhas, cheio de confiança na proteção do céu, animou os soldados a combater, tanto pelos interesses da religião como pelos da pátria. Já se ia dar o sinal de acometer quando se notou um grande movimento no exército inimigo; era um terror pânico o que se havia apoderado do coração

daqueles bárbaros; cada um deles pensava somente em escapar como podia; e, querendo os oficiais detê-los, voltaram as armas contra eles; de maneira que, por um prodígio nunca ouvido, aquele formidável exército se desfez por si mesmo, sem que o de Henrique tivesse tirado a espada. Reconhecendo o religioso príncipe a mão visível do Senhor, levantou os olhos ao céu e exclamou: «Glorifiquem-te, ó grande Deus, todas as nações, porque protegeste os que confiavam em ti.» Repetiu todo o campo muitas vezes as mesmas palavras, e ressoavam no ar as ações de graças e as aclamações.

Com esta grande vitória viram-se obrigados os esclavões a pedir a paz, e Henrique lha concedeu com as condições de que a Polônia, a Boêmia e a Morávia seriam suas tributárias. Depois cumpriu com real magnificência o voto que havia feito de reedificar a igreja e bispado de Merseburgo; fundou o de Bamberg; e, a este efeito, como ao de restabelecer a disciplina eclesiástica na Alemanha, reuniu os prelados em Frankfurt, em cuja ocasião deu o religioso príncipe o mais esclarecido exemplo de sua profunda humildade e de sua respeitosa veneração ao sacerdócio; porque, tendo entrado onde estavam congregados os bispos, prostrou-se diante de todos, mantendo-se nesta humilde postura até que o arcebispo de Mogúncia o obrigou, em nome de toda a congregação, a que se levantasse; e, tomando-o pela mão, conduziu-o ao trono que lhe havia sido preparado na sala. Arregladas na junta todas as coisas, desejando Henrique deixar mais cimentada em Bamberg a piedade, fundou dois mosteiros, um de cônegos regulares de Santo Agostinho e outro de monges beneditinos, depois do que dispôs a viagem à Itália.

Haviam-se levantado os lombardos, comovidos pelos artifícios de certo senhor chamado Arduíno, que se pôs à frente deles; marchou Henrique contra os rebeldes e os desfez inteiramente. Coroado em Pavia rei da Lombardia, deu prontamente a volta à Alemanha para sossegar as inquietações que haviam suscitado alguns malcontentes; conseguido isto, voltou com aceleração à Itália, onde acabou de reprimir os novos esforços dos lombardos, cedendo tudo a seu valor, a sua justiça e a suas retas intenções. Tantas vitórias conseguiu sua clemência como sua magnanimidade. Maltrataram alguns oficiais seus os vizinhos de Troia, curta cidade da Calábria, e resolveu castigá-los severamente para que servisse de escarmento. Conhecendo os delinquentes a piedade do príncipe, juntaram todos os meninos e os puseram diante dele, derramando muitas lágrimas aqueles inocentes e implorando sua clemência. Enterneceu-se o imperador e os perdoou, dizendo que umas lágrimas capazes de desarmar a cólera de Deus não podiam deixar de aplacar a sua.

Mais que os próprios interesses, animava a Henrique o zelo de procurar a paz à Igreja. Isto o obrigou a empregar toda a sua autoridade e todo o seu poder para exterminar as divisões que ocasionava em Roma o antipapa Gregório, que, depois da morte de Sérgio IV, disputava o pontificado ao legítimo papa Bento VIII. Extinguiu o cisma o religioso príncipe e, passando a Roma com sua esposa Santa Cunegundes, foi recebido naquela cidade como glória e modelo de imperadores cristãos e como o mais zeloso defensor da Igreja. Coroou-o por imperador dos romanos o papa Bento e na mesma cerimônia foi coroada Santa Cunegundes por imperatriz. Apresentou o papa ao imperador um globo de ouro, engastado de pedras preciosas, de cujo centro se elevava uma cruz, símbolo tudo de sua imperial autoridade; mas o piedoso príncipe o consagrou a Deus, dando-o ao mosteiro de Cluny, de que era abade Santo Odilão.

Pacificadas as coisas da Itália e cumulado Henrique de glória, restituiu-se à Alemanha, onde, sossegados também de todo os anteriores distúrbios, aplicou-se inteiramente a ser cada dia mais perfeito e a tornar mais e mais felizes seus povos. Perdeu de todo o gosto aos bens criados pelo das coisas celestiais e até teve pensamento de renunciar o cetro e dignidade imperial e passar o resto de seus dias em algum religioso retiro; mas fez-se-lhe conhecer que num só dia faria mais bem desde o trono, aonde o havia elevado a divina Providência, que poderia fazer em muitos anos reduzindo-se a uma vida particular e retirada.

A estada na Alemanha e a paz de que desfrutava deixaram-no em plena liberdade para satisfazer sua devoção. Nunca resplandeceu mais a elevação de sua virtude, nem o fervor que a animava lhe permitia omitir obra alguma boa em que se pudesse exercitar. O tempo que não dedicava aos negócios do Estado empregava-o em visitar os pobres nos hospitais, em ajustar as diferenças de seus vassalos e no exercício da oração. A imperatriz, por sua parte, trabalhava quanto podia em igualar a piedade de seu querido esposo, quando, raivoso o demônio de ver tão raros como grandes exemplos na corte, pôs em movimento todos os seus artifícios para turbar a tranquilidade daquelas duas grandes almas e para obscurecer sua virtude.

Alguns homens malignos se esforçaram em introduzir suspeitas no coração do imperador contra a fidelidade e contra a pureza de sua castíssima esposa. Lograram surpreender algo sua piedade, e parecia dar ouvidos à calúnia quando o céu tomou por sua conta a defesa da santa imperatriz, fazendo tão visível sua inocência que ficaram confundidos os caluniadores. Condenou Henrique sua excessiva credulidade; e, pedindo perdão à princesa, serviu este lance para estreitar mais o nó do casto amor que unia os dois santos esposos.

Da mesma maneira conseguiram preocupá-lo contra Santo Heriberto, bispo de Colônia; mas, reconhecendo muito em breve a virtude do santo prelado, o mesmo imperador passou pessoalmente a lançar-se a seus pés e a pedir-lhe perdão de sua ligeireza, a qual só serviu para que deixasse ao mundo este exemplo mais de uma humildade verdadeiramente heroica. Não o foi menos o que deu de sua paciência nos desgostos com que o mortificou seu irmão Bruno, bispo de Augsburgo. Sufocados neste prelado todos os impulsos naturais do sangue e todas as obrigações da religião e do Estado, concebeu um ódio mortal contra o santo imperador. Era todo o seu estudo dar-lhe que sentir e desassossegá-lo, já chamando contra ele as armas dos estrangeiros, já soprando o fogo da rebelião entre seus mesmos vassalos. Tudo o sofria e dissimulava Henrique sem exalar uma queixa. Quanto mais desacertada era a conduta do indigno irmão, maior era a ternura com que o amava o santo imperador, para quem não havia maior satisfação que oferecer-se-lhe ocasião de fazer-lhe algum benefício; mas, insensível Bruno a todas as provas de sua heroica virtude, foi sempre o açoite do pacientíssimo monarca, cuja santidade quis purificar e exercitar o Senhor pela ingrata dureza de seu irmão; nem Bruno se converteu até que Henrique morreu.

Não se encerrou seu religioso zelo dentro dos vastos limites de seu dilatado império; e, animado dele, empreendeu a conversão de Estêvão, rei da Hungria. Com este fim, e tendo presente a sentença do Apóstolo de que a mulher fiel santifica o marido infiel, deu-lhe por esposa sua irmã, a princesa Gisela, enviando em sua companhia excelentes operários para plantar a fé naquelas regiões. Converteu-se Estêvão e trabalhou com tanto espírito em ganhar para Jesus Cristo todos os

seus vassalos que com razão se pode dizer que o reino da Hungria teve por apóstolos um rei e um imperador.

Inquietos sempre os lombardos, e não menos revoltosos os normandos e os gregos, turbavam a paz da Igreja e desolavam os povos da Itália. Marchou Henrique contra todos eles; domou para sempre os primeiros; dissipou as forças dos gregos e dos normandos; apoderou-se das cidades de Benevento, Troia, Nápoles, Cápua e Salerno; restituiu à Igreja tudo o que lhe haviam usurpado; fez reflorescer a religião em todas as partes e tomou o caminho de Roma. Nem as marchas nem o mando de um numeroso exército foram bastantes para que jamais se dispensasse de suas acostumadas penitências nem para que omitisse nenhuma de suas diárias devoções. Jejuava muitos dias da semana, comungava nos dias assinalados e nunca deixava de cumprir todos os seus exercícios espirituais. Passou por Monte Cassino para satisfazer a particular devoção que professava ao patriarca São Bento; e o santo lha premiou prontamente, porque, sentindo-se atormentado cruelmente do mal de pedra, logrou repentina e milagrosa cura por sua intercessão poderosa.

Ao retirar-se da Itália teve aquela célebre entrevista sobre o rio Mosa com Roberto, rei da França, um dos mais virtuosos príncipes daquele século; onde, animados ambos do mesmo espírito e do mesmo zelo pela religião, concertaram as mais prudentes e as mais seguras medidas para o maior bem da Igreja e do Estado. Ali foi onde, tendo-se ajustado antes o cerimonial entre os dois príncipes, em força do qual cada um havia de partir ao mesmo tempo em sua chalupa, navegando até a metade do rio, a distância igual das duas margens, parecendo a Henrique que devia desprezar aquela escrupulosa etiqueta com um príncipe cuja virtude honrava sobremaneira, não obstante as convenções, ao romper o dia partiu de seu campo, acompanhado de alguns senhores de sua corte, e, passando o rio, buscou o rei no lugar onde tinha seu alojamento.

Visitou depois o santo imperador a maior parte das províncias de seu império, tendo dado acertadas providências para que em todas elas florescesse a religião, a justiça e a boa ordem; e, achando-se no castelo de Grona, perto de Halberstadt, acometeu-o uma grave enfermidade, e desde logo conheceu que se aproximava seu ditoso fim. Dispôs-se para ele com novos esforços de fervor; mandou chamar a imperatriz Cunegundes e, em presença de todos os senhores e prelados que a esse tempo se achavam na corte, repetiu-lhe nova e pública satisfação da injusta suspeita que havia tido contra sua fidelidade naquele tempo em que se atreveu a atacar sua pureza a calúnia; declarando que a deixava tão intacta e tão virgem como havia entrado em seu poder. Conheceu-se então que Deus havia permitido aquela tempestade para manifestar ao mundo cristão a heroica virtude dos dois castos esposos, cuja humildade sem dúvida soube ocultar ao público até aquele dia tão raro como heroico exemplo de pureza, sendo certo que nunca coroou a diadema duas frontes mais humildes. Durou quase um mês a enfermidade, em cujo discurso deu o santo príncipe as maiores provas de sua eminente virtude; e, tendo recebido com o mais devoto fervor os santos sacramentos, cheio de confiança na misericórdia do Salvador e de uma terna devoção à Santíssima Virgem, expirou tranquilamente na noite do dia 14 de julho do ano 1024, aos 52 de sua idade, 22 do reinado da Alemanha e aos 10 depois de ter sido coroado imperador. Os muitos milagres que desde logo obrou o Senhor em seu sepulcro atraíram a venerá-lo o concurso dos povos; e, autenticadas estas maravilhas, como também a heroicidade de suas virtudes, canonizou-o o papa Eugênio III no ano de 1152, tendo precedido as formalidades acostumadas.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui hodierna die beatum Henricum confessorem tuum e terreni culmine imperii ad regnum æternum transtulisti; te supplices exoramus, ut sicut illum, gratiæ tuæ ubertate prævenisti, illecebras sæculi superare fecisti, ita nos facias, ejus imitatione, mundi hujus blandimenta vitare, et ad te puris mentibus pervenire. Per Dominum nostrum.*

Português: Ó Deus, que neste mesmo dia trasladastes o bem-aventurado Henrique, vosso confessor, do elevado trono do império da terra ao reino eterno da glória, suplicamo-vos humildemente que, assim como o prevenistes com vossa graça para que vencesse os atrativos lisonjeiros do século, assim também façais que nós, a sua imitação, desprezemos os enganosos afagos deste mundo e cheguemos a vós inocentes e puros em nossos corações. Por nosso Senhor.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 da Sabedoria (do Eclesiástico), e a mesma do dia 5, pág. 135.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«Com razão chamam os gregos ao livro do Eclesiástico *Panaretos*, isto é, livro que dá preceitos para o exercício das virtudes. Pode-se chamar um compêndio de todos os livros espirituais, cheio de sentenças e de doutrina cristã. Basta ler a epístola de hoje para convencer-se disto.»

Reflexões

Bem-aventurado aquele que foi achado sem mancha. Outra versão diz: *Bem-aventurado o rico que foi achado sem mancha, que não pôs sua confiança nas riquezas nem se ensoberbeceu com elas.* Na realidade, não há coisa nem mais rara, nem mais digna de admiração, nem mais merecedora dos maiores aplausos que um homem rico, inocente e justo, modesto em sua conduta, moderado em seus desejos, sem orgulho e sem ambição. A escassez destes milagrosos homens não provém certamente nem do mérito nem do valor das riquezas; estas não comunicam valor nem mérito, pois elas mesmas não têm outro que o imaginário e arbitrário que o capricho dos homens lhes quis conceder. Nasce, pois, a escassez de homens ricos e ao mesmo tempo inocentes da corrupção do coração humano, do dominante império das paixões e de que, na verdade, há poucas almas verdadeiramente grandes. Deixa-se o homem deslumbrar de um esplendor superficial e passageiro; triunfa e pavoneia-se porque tem mais meios de perder-se. Amontoamento de riquezas, ocasião de injustiças; posse de riquezas, manancial de orgulho; uso das mesmas riquezas, semente de desordens e princípio de dissolução. O que só pensa em brilhar no mundo, como pode ser devoto? Pois já se sabe que ao mundo, de ordinário, só se lhe dá notícia de que alguém é poderoso pela ostentação, pela profanidade e pelo fausto. A distinção a que se aspira, toda ela se põe da parte do amor-próprio e da vaidade: *Dives effectus sum, inveni idolum mihi.* Um coração pouco cristão idolatra as riquezas; elas são seu Deus, e nelas o encontra tudo. Os privilégios que este ídolo concede aos que o adoram são os seguintes: relaxação nos exercícios mais comuns da religião; direito imaginário para dispensar-se nas obrigações mais essenciais dela; ideias frívolas do que se chama decência; lastimosos pretextos e razões a qual mais ridículas para levar uma vida irregular e menos cristã. Mas, meu Deus, passarão estes privilégios no terrível dia de vossas vinganças?

Assistir à missa do povo, essa é devoção da gente ordinária, de que se envergonha uma dama rica e de qualidade: há hora e missa dos cavalheiros e das senhoras, que em algumas partes se chama a bela missa. Seguramente que não se assiste a ela por devoção, pois nem a humildade nem o respeito se compõem bem com a profanidade. Pode-se contar a bela missa no número daquelas concorrências de boa educação que servem para entreter um pouco a ociosidade e para variar a diversão. Até nos atos mais sagrados da religião, que pedem maior respeito e mais profunda humildade, inspiram orgulho e altanaria as riquezas. Aos mesmos pés de Jesus Cristo, até nas mesmas sagradas aras, quer-se fazer estudo e ostentação de parecer mais rico e mais mundano. Em nenhuma parte se costumam afetar mais distinções que na igreja. Nem a delicadeza quer perder nenhum de seus direitos, nem o orgulho diminuir um ponto de seu fausto. Mas de que

servirá fazer reflexões e dar-se por convencido, se não há emenda?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e o mesmo do dia 5, pág. 137.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: 35 Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; 36 e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. 37 Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. 38 E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. 39 Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. 40 Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Da paz interior

Primeiro ponto

Considera que nem os deleites, nem as honras, nem as riquezas produziram jamais a paz do coração. Ignoram-na os ditosos do século, e só pode ser fruto da boa consciência. Acompanha sempre as diversões e alegrias do mundo um inesgotável fundo de turbação e de iniquidade. Pode a ambição por alguns poucos momentos contentar o coração e parecer como que o tranquiliza;

mas muito em breve brotam as inquietações interiores, e nem as paixões, nem as prosperidades, nem os erros bastam para acalmá-las; só Deus sossega o coração plenamente.

Busque-se, solicite-se, trabalhe-se no mundo quanto se requeira para encontrar a paz; satisfaçam-se as paixões; contentem-se, se for possível, nossos desejos; não saia ao encontro de nossa fortuna nem competidor, nem êmulo, nem outro embaraço algum; embriaguem-se as almas, por dizê-lo assim, em bens, em gostos e em deleites: *Vaidade de vaidades*, exclama Salomão, *tudo vaidade, tudo aflição de espírito.* Diga em boa hora o mundano: estou tranquilo; mente: a paz do coração só pode ser fruto da inocência, de uma perfeita resignação à vontade do Senhor e de uma eminente santidade.

Não por certo; tampouco nas altas dignidades nem nos empregos elevados se encontra esta paz tão doce e tão apreciável. Quem no mundo está mais elevado, esse é o que está menos contente. Somente a virtude possui o grande segredo de produzir a paz do coração. Percorre todos os estados, todas as idades, todas as condições; em todas as partes acharás infelizes, desgraçados e descontentes. O fausto, a profanidade, a abundância e as honras só servem para ocultar aos olhos do público as amarguras que se padecem em particular. Desengana-te: mais espinhos e mais sarças produzem os palácios que as choças. Mas, se em qualquer desses estados e dessas classes da vida achares um homem santo, encontrarás nele um coração contrito, cujo semblante está transbordando alegria, cujo espírito parece o trono da serenidade e cuja alma está como embebida em certa doce satisfação que a enche e a sacia: isto é o que produz a graça numa alma pura. As cruzes, as aflições, as mais amargas adversidades ficam na superfície e nunca penetram até o coração dos santos; daqui provém neles aquela igualdade inalterável, aquela doçura como natural, aquela paz, enfim, que está a coberto, ou ao menos à prova, de todos os acidentes da vida.

Santo Deus, e que desgraçado, que digno de lástima é o que não vos ama sem contemporização e sem reserva!

Segundo ponto

Considera que não há, nem jamais haverá, paz interior para os que resistem a Deus. Se há no mundo alguma verdadeira alegria, está reservada para os de boa consciência; para os que a têm má, toda a terra é lugar de tribulação e de angústia. Bem pode alguém atordoar-se; mas nem por isso sufocará as inquietações que causa o pecado. Oh, e quão diferente é a paz que vem de Deus da que nasce do século! Ela acalma as paixões; ela conserva a pureza da consciência; ela é inseparável da justiça; ela nos une a Deus e ela nos fortifica contra as tentações; mas a paz do mundo irrita as paixões, mancha a consciência, é um manancial perene de injustiças, aparta-nos de Deus e nos faz escravos do demônio.

Aquela pureza de consciência que fomenta esta paz conserva-se com a frequência de sacramentos. Se a tentação não nos vence, sempre nos é vantajosa; e, se alguma vez nos faz Deus conhecer nossa miséria, é para que também conheçamos a força de sua graça. O que for involuntário nunca nos deve turbar; o principal é não resistir jamais às inspirações interiores e deixar-nos ir até onde Deus nos quiser levar. Consiste a paz da alma numa inteira resignação à

vontade de Deus. Faz-se profissão de devoto; está alguém especialmente consagrado a Deus no estado religioso ou no eclesiástico; pois de que paz interior não devera gozar? Em meio disso, vive inquieto e turbado; isto nasce de que não está rendido a Deus inteiramente, de que ainda é imperfeito, de que o serve com mil exceções e reservas; só se professa uma virtude de gênio e de amor-próprio. *Marta, Marta*, dizia o Salvador, *andas muito solícita, muito inquieta e muito turbada, atendendo a muitas coisas, e uma só é necessária.* Pois esta única, que era a necessária, é pontualmente a que se omite, porque não é de nosso gosto. O trabalho que se experimenta em muitas coisas nasce de que não se aceita com o devido e total abandono à vontade de Deus tudo quanto nos pode suceder. Ponhamos, pois, todas as coisas em suas mãos; antecipemo-nos a fazer-lhe inteiro sacrifício de nosso coração. Desde o mesmo ponto em que nos resolvermos a não querer nada por nós mesmos e a querer sem reserva tudo o que Deus quiser, descuidaremos de tudo e escusaremos inquietas reflexões sobre nossas coisas; enquanto não fizermos isso, viveremos inquietos, desassossegados, sem consistência nem em nossos desejos nem em nossos desígnios, descontentes com os demais, pouco acordes conosco mesmos, pouco francos e sempre desconfiados. O melhor entendimento só serve para atormentar-nos mais até que esteja bem humilhado e reduzido a uma santa simplicidade.

Ah, Senhor, e por quanto tempo me o ensinou assim minha própria experiência! Bem vejo que não sinto em vosso serviço aquela paz, aquele gozo interior que excede a todo sentido; mas é porque vos sirvo mal: vedes-me aqui resolvido, com vossa graça, a entregar-me totalmente a vós sem exceção nem reserva; seguro estou de que, cumprindo-o, experimentarei esta doce paz do coração.

Jaculatórias

> *Pax multa diligentibus legem tuam.* Sl 118.

Não há paz senão nos que amam e obedecem a vossa santa lei.

> *In pace in idipsum dormiam, et requiescam.* Sl 4.

Só em vós, meu Deus, acharei paz e repouso.

Propósitos

1. As virtudes sólidas que produz sempre a paz do coração são as seguintes: uma verdadeira simplicidade; certa tranquilidade de espírito, fruto quase necessário da total entrega às mãos de

Deus, que é o que quer este Senhor; uma doce dor e sentimento dos pecados do próximo, que inspira o amor de Deus e o puro motivo de caridade; certa docilidade em reconhecer e em confessar os defeitos próprios, agradecendo ser corrigido e castigado por eles, com uma rendida sujeição à vontade dos que nos governam. Ainda que seja sincera tua virtude, ocasionar-te-á mais remorsos interiores que alento e consolo, se não está sustentada daquele generoso amor de Deus que não reconhece covardia, exceções nem limites; mas, pelo contrário, se abandonas a Deus todo o coração, viverás tranquilo e cheio do gozo do Espírito Santo. A presença de Deus acalma o espírito em meio do dia e, quando está mais cercado de trabalhos, infunde um sono tranquilo e sossegado; mas é preciso dar-se ao Senhor inteiramente. O mais mínimo respeito humano cega o manancial de certas graças e aumenta as irresoluções. Se queres provar esta doce tranquilidade, se queres gozar esta alegre paz do coração que excede a tudo o que se pode pensar, não negues a Deus coisa alguma.

2. Também produz a paz do coração a modéstia, a humildade e a doçura inalterável, como frutos da boa consciência. Tem puro o coração, e estará tranquilo; mas não turbes esta tranquilidade com teu mau humor nem a alteres com um zelo ardente e vivo, que sempre é turbulento. Corrige em boa hora os defeitos dos filhos, dos criados e dos súditos; mas sem perder o sossego nem a serenidade, porque a verdadeira virtude nunca é contrária a si mesma.

Em meio das maiores ocupações, tem sempre na memória aquela sentença do Salvador: *Marta, Marta, andas muito solícita, e são muitas as coisas que te perturbam; mas olha que uma só é necessária*; e adverte que toda a solicitude de Marta era por servir ao mesmo Salvador. Onde há turbação, não está Deus. *Non in commotione Dominus.* Nunca levantes o grito, fala sem comoção e sem desentono e obra com sossego, mas não com tardança. A paz do coração não admite lentidões, não sofre ociosidade, reprova a delicadeza e não se acomoda com nenhuma paixão.

São Camilo de Lélis, Fundador

Em todas as suas operações é admirável a divina Providência, e adorável aquela acertada ordem, ainda que escondida, com que dirige todas as coisas, de maneira que sirvam eficazmente à execução de seus eternos desígnios. Mas singularmente se faz ver este caráter na sábia disposição que faz de todas as causas naturais, dirigindo umas por sua mão, permitindo a cooperação de outras, em ordem a manter a formosa cidade santa da Igreja, provendo-a de quando em quando de varões eminentes em santidade que acrescentem de um modo novo sua beleza. Palpa-se isto claramente na portentosa vida e projetos admiráveis do bem-aventurado São Camilo de Lélis.

Nasceu este santo na vila de Bucchianico, do reino de Nápoles, a 25 de maio do ano de 1550. Seus pais, João de Lélis e Camila Compellis, embora ilustres por sua linhagem, não eram abundantes de bens de fortuna, pois esta lhes negou na carreira das armas que seguia João os prêmios devidos, apesar de que não lhe havia escasseado os trabalhos. A concepção de nosso santo foi certamente maravilhosa, pois sua mãe tinha já perto de sessenta anos de idade e tal debilidade em sua constituição que toda razão humana devia julgá-la estéril. Poucos dias antes de dar à luz Camilo, teve um misterioso sonho que seu temor e debilidade interpretaram sinistramente, presagiando no

fruto de suas entranhas misérias e delitos. Pareceu-lhe que o menino que paria trazia uma cruz no peito e que o seguiam outros muitos meninos com umas cruzes semelhantes, o que lhe fez conceber que seu filho seria capitão de bandoleiros. Pensamento errado, que só podia caber numa imaginação debilitada com a fraqueza, já que as gentes abandonadas à corrupção de seu coração sempre afastam de si os sinais de piedade, e principalmente o superior de todos eles, que é a cruz sacrossanta. Ao tempo do parto, vendo-se em perigo de vida por sua dificuldade, fez, por superior inspiração, que a descessem ao estábulo, em cujo lugar humilde deu felizmente à luz Camilo, dispondo o céu que fosse nisto semelhante seu nascimento ao de muitos santos e principalmente ao do capitão de todos eles, Jesus Cristo. Com a turbação e o desassossego que traz consigo a carreira das armas, puderam seus pais pôr muito pouca atenção em dar-lhe uma educação regrada e virtuosa; e, embora o enviassem à escola, a falta de sujeição e as inclinações corrompidas de uma natureza viciada mal lhe permitiram aprender a ler e escrever. Pelo contrário, fazia grandes progressos na relaxação, estendendo-se a corrupção de sua alma a diversões mais perigosas que as que costumam entreter os primeiros anos da vida. Tinha uma paixão decidida pelo jogo de cartas e de dados e em satisfazê-la punha todo o seu esmero. Nisto empregou grande parte de sua juventude, buscando as más companhias de outros jovens dissipados pelos vícios que são anexos a um inteiro esquecimento da lei de Deus e a um total abandono aos enganos do mundo.

Desta maneira chegou Camilo à idade de dezenove anos; na qual, desejando seu pai cortar os extravios de sua juventude e dar-lhe uma carreira proporcionada à nobreza de seu sangue, persuadiu-o a que, em companhia de dois primos seus, abraçasse o estado militar, como o haviam feito seus ascendentes. Tinha a esse tempo a república de Veneza guerra contra os turcos; e, julgando que, alistando-se em suas bandeiras, poderiam fazer luzir seu valor e alcançar grandes honras, marcharam para Ancona, onde se alistavam as galés em que deviam embarcar. Mas nesta cidade adoeceram tão gravemente o pai e o filho que não puderam seguir seu projeto. Determinaram voltar a seu povoado; e, tendo chegado ao lugar de San Lupidio, acometeu a João de Lélis uma enfermidade tão aguda que se conheceu bem que era a última de sua vida. Recebeu os santos sacramentos com muita compunção e lágrimas e descansou no Senhor, deixando afogado nelas seu filho Camilo. Seguiu este sua viagem e na cidade de Fermo ouviu uma daquelas aldrabadas com que costuma chamar ao coração do homem a divina misericórdia para apartá-lo dos caminhos de perdição. Viu casualmente dois religiosos franciscanos observantes com tal compostura e modéstia, e pintada tão vivamente em seu rosto a santidade de seus costumes, que esta vista compungiu sua alma e o fez envergonhar-se de sua vida dissipada. Foi esta compunção naquele ponto tão fervorosa que determinou regrar sua conduta e, para consegui-lo com mais facilidade, fez ali mesmo voto de tomar o hábito de São Francisco. A fim de cumpri-lo, partiu para a cidade de Aquileia, onde a oportunidade de ser um tio seu guardião do convento que ali têm os religiosos franciscanos observantes lhe oferecia o cumprimento de seus desejos. Comunicou-os a seu tio; fez-lhe saber igualmente o voto que havia feito, pedindo-lhe com instância que se dignasse dar-lhe o hábito. Negou-se a isso seu tio, crendo talvez sua vocação volúvel, ou talvez porque de antemão estava bem informado do estragado de sua vida e relaxado de seus costumes. Esqueceu por então Camilo o que havia prometido a Deus: assaltaram diferentes desejos a seu coração; mas, vendo que uma chaga perigosa que tinha numa perna ameaçava sua vida e lhe tornava inúteis seus projetos, determinou passar a Roma para curar-se radicalmente. Deram-lhe nesta cidade notícias de que o hospital de Santiago dos incuráveis era o sítio mais a propósito para sua cura, por estar ao cuidado dos mais hábeis cirurgiões daquela capital do mundo. Fez suas diligências para

entrar naquele hospital como servente e, tendo-o logrado, pôs-se em cura, que conseguiu, ainda que não de todo. Como a paixão ao jogo se havia apoderado de sua alma desde os tenros anos, havia passado não somente a costume, mas quase também a natureza; por esta causa o precipitava de modo que desatendia a suas obrigações, armava pendências com os enfermeiros e o tornava inútil em seu ofício. Repreendeu-o diferentes vezes o administrador, mas sem fruto, até que, achando-lhe uma vez um baralho debaixo do travesseiro, em ocasião em que acabavam de repreendê-lo e ele de dar palavra de afastar-se do jogo, julgaram-no incorrigível e como tal o expulsaram do hospital.

Vendo-se Camilo sem ofício nem modo com que sustentar sua vida, assentou praça de soldado e serviu à república de Veneza nas guerras contra o turco e sucessivamente à coroa de Espanha. Viu-se neste tempo em diferentes perigos de perder a vida, sem que nenhum deles o despertasse do funesto letargo em que o tinham submerso os vícios. Mas, achando-se na ilha de Corfu com uma enfermidade perigosa, destituído de todo humano socorro e sem esperança de vida, voltou-se a Deus, chorou suas culpas, confessou-as e, recebendo o sagrado viático, recobrou a saúde com tão soberano alimento. Passando depois a Nápoles e padecendo uma tormenta em que todos se julgavam perdidos, renovou o voto que havia feito; mas, chegando a esta cidade, voltou outra vez ao jogo com tal desenfreio que perdeu quanto tinha, até a camisa que levava vestida. Despediram os soldados da armada, e ficou Camilo em estado tão miserável que em Manfredônia teve que pedir esmola para sustentar-se. Vendo-o jovem e apto para o trabalho, um nobre chamado Antônio Nicastro persuadiu-o a que se aplicasse a ele, oferecendo facilitar-lho na obra que a esse tempo tinham os padres capuchinhos. Dissuadiu-o de aceitar semelhante ocupação um companheiro seu, acostumado como ele à vida vagabunda e ociosa; mas Camilo, movido de Deus, que já com enfermidades, já com perigos de vida e já com a miséria procurava atrair a si esta ovelha desgarrada, desamparou seu companheiro e pôs-se a servir no convento dos capuchinhos. Deram-lhe o encargo de acarretar pedra e cal com uns jumentos e, embora o exercício era penoso, não somente pelo trabalho mas pela baixeza e pelas zombarias dos rapazes a que o expunha, preferiu-o a uma vergonhosa e miserável mendicância. Já havia chegado o tempo em que a destra de Deus, a cujo poder nada resiste, havia determinado amolecer o coração de Camilo e fazer vaso de eleição aquele que antes o havia sido de imundície. Valeu-se para isto do guardião do convento dos capuchinos da vila de San Giovanni, aonde o havia enviado com seus jumentos por uma carga de vinho. Aquele venerável padre falou-lhe com tanta unção e fervor da Justiça divina, da gravidade do pecado e das penas do inferno que suas palavras penetraram fundamente no coração de Camilo como agudas e penetrantes setas. Voltava este pelo caminho ruminando o que o venerável guardião lhe havia dito e repentinamente se apoderou de seu entendimento uma luz tão clara e copiosa que lhe fez ver todos os horrores de sua vida e toda a misericórdia com que Deus o havia livrado dos suplícios eternos. Ajoelhou-se no meio do campo, feitos seus olhos duas fontes de lágrimas, pedindo a Deus perdão e oferecendo-lhe com as maiores veras fazer-se imediatamente capuchinho para lavar com lágrimas de penitência todas as manchas de sua passada vida.

Esta conversão admirável sucedeu pelos anos de 1575, no dia da Purificação de Nossa Senhora, e tendo Camilo vinte e cinco anos de idade. Apenas voltou a Manfredônia, foi ao padre guardião e, com lágrimas nos olhos, referiu-lhe quanto lhe havia passado, pedindo-lhe por amor de Jesus Cristo que não lhe retardasse o favor de vestir-lhe o hábito de capuchinho, para ter o consolo de ter

cumprido a Deus o voto que lhe havia feito. Não pôde resistir o guardião nem os demais religiosos às fervorosas súplicas de Camilo; antes estas fizeram tanta impressão em todos eles que quiseram que tomasse o hábito para sacerdote, ao que não puderam reduzir o fervoroso aluno da divina graça. Feito religioso, começou a manifestar que tanto sua conversão como sua vocação àquele estado haviam sido obra da destra do Todo-Poderoso, que com sua graça procurava levá-la à mais alta perfeição. Jubiloso se achava Camilo entre os rigores, asperezas, pobreza e penitência da religião; mas, tendo-se-lhe renovado com o contínuo roçar do hábito a chaga perigosa que tinha na perna, nem ele pôde seguir naquele teor de vida nem os religiosos puderam consenti-lo, apesar de que estimavam sumamente as heroicas virtudes que advertiam nele e com que os tinha edificados. Prometeram-lhe que o receberiam sempre que sarasse de sua chaga, e esta promessa suavizou a amargura que produziu em seu coração o não se ver contado entre os filhos de São Francisco. Voltou a Roma a buscar sua cura no mesmo hospital em que antes a havia logrado e ao mesmo tempo para enriquecer sua alma com o espiritual tesouro do jubileu do ano santo, que estava publicado então. Confessava-se Camilo com o glorioso São Filipe Néri, a cujas instruções devia grande parte de seu fervor. Com este santo comunicou o projeto de voltar aos capuchinhos, vendo-se já curado de sua chaga, e São Filipe aconselhou-o a que não voltasse, porque se lhe renovaria e se veriam frustrados seus desejos, como com efeito se verificou. Vendo-se o santo despedido pela segunda vez da religião dos capuchinhos, desvaneceram-se todos os seus escrúpulos e chegou a convencer-se de que Deus queria que o servisse em outro estado. Voltou a Roma, buscou São Filipe Néri, o qual, vendo-o, disse-lhe: «Ó bom Camilo, não te dizia eu que não voltasses à religião dos capuchinhos, porque não poderias perseverar nela?» Acariciou-o muito o santo, encarregou-se de sua direção e, estando vago então o emprego de mordomo do hospital de Santiago, pretendeu-o e logrou-o Camilo, sendo sua caridade e demais virtudes os intercessores mais poderosos que moveram os administradores a confiar-lhe aquele emprego. Portou-se o santo nele com tanto zelo que em breve tempo parecia o hospital um observante mosteiro de perfeitos religiosos. Velava dia e noite sobre a assistência dos enfermos; ele lhes fazia as camas, os curava e assistia, preferindo entre todos sua compaixão e ternura aos que padeciam enfermidades mais asquerosas. Seu exemplo era o maior incentivo que obrigava os enfermeiros a cumprir sua obrigação. Aos que encontrava descuidados ou omissos repreendia-os com doçura, logrando suas exortações o que não poderiam os castigos. Mas afligia-se sua alma vendo que todas as suas solicitudes não bastavam para que deixassem de morrer muitos sem todos os auxílios espirituais que necessitam os enfermos nas horas derradeiras. Esta falta penetrava seu coração tão vivamente que pedia a Deus na oração que se dignasse prover a este mal com remédios oportunos.

O Senhor, que via a pureza de coração e santo zelo de onde nasciam as súplicas de seu servo, determinou favorecer seus santos desejos, inspirando-lhe um projeto que levaria depois à execução sua poderosa mão. Estando o santo em fervorosa oração, veio-lhe ao pensamento que a falta de auxílio que os enfermos experimentavam poderia remediar-se instituindo uma congregação cujos indivíduos não tivessem outro objeto que assistir aos enfermos, sem esperança de mais recompensa que a que tem Deus prometida à virtude. Comunicou este pensamento a nove sujeitos dos que assistiam no hospital, em cuja piedade achou sua proposta toda a boa acolhida que esperava. Com tão feliz princípio, dispôs no mesmo hospital um oratório, onde se juntavam todos para o rezo, a oração e a disciplina, e de onde saíam tão acesos em amor de Deus e do próximo que era palpável o grande benefício que desta pequena junta recebiam os enfermos. Mas o inimigo comum, contrário sempre às empresas virtuosas, procurou e conseguiu desvanecer

esta em seus princípios. Por influxo e más persuasões de um ministro do hospital, chegaram a temer os deputados que aquela nova congregação havia de chegar a levantar-se com o governo; e, depois de ter dito ao santo muitas ásperas razões, eles por si mesmos desfizeram o oratório. Aflito Camilo com esta desgraça, levou a seu aposento um grande e devotíssimo crucifixo, diante do qual orava, e, estando diante dele vertendo muitas lágrimas arrancadas pela destruição daquela obra caritativa, advertiu que o divino Salvador, desprendendo as mãos da cruz, lhe dizia com grande ternura: «De que te afliges, ó pusilânime? Segue a empresa, que eu te ajudarei numa obra que é toda minha e não tua.» Com este maravilhoso favor cobrou Camilo novo esforço e resolveu juntar sua congregação fora do hospital, com cujo desígnio, apesar de sua grande humildade, determinou fazer-se sacerdote. Não sabia gramática, e faltavam-lhe rendas a cujo título pudesse ordenar-se. O primeiro o venceu sua humildade, não se desdenhando de assistir, à idade de trinta e dois anos, a estudar a gramática em companhia dos meninos; e o segundo o venceu Deus, movendo o coração de um cidadão romano para que de seus bens lhe assinalasse côngrua suficiente. Vencidas todas as dificuldades, ordenou-se de sacerdote no dia de Pentecostes, no ano de 1584.

Vendo-se Camilo com todas as disposições prévias para verificar seu intento, renunciou o ofício de mordomo; e os deputados, em prêmio de seus bons serviços, fizeram-no capelão da igreja de Nossa Senhora dos Milagres. Numa casa contígua a ela fixou Camilo sua residência com dois companheiros de seu mesmo espírito, e começaram a lançar os fundamentos daquela grande obra. Naquela casinha tinham suas juntas espirituais, rezando as ladainhas com outras muitas devoções, exercitando-se na oração e animando-se mutuamente ao mais exato cumprimento de seu instituto caritativo que haviam abraçado. Dali saíam acesos em caridade, a qual iam praticar no hospital do Espírito Santo, o maior e mais famoso que tem Roma. Nele consumiam as manhãs, as tardes e grande parte da noite, segundo o exigiam as necessidades dos enfermos. Serviam a estes com o maior esmero, fazendo-lhes as camas, administrando-lhes a comida e limpando-lhes as imundícies. Não havia enfermidade, por asquerosa e contagiosa que fosse, que bastasse a entibiar o fogo de amor do próximo que ardia em seus peitos; antes isto mesmo era o mais poderoso incentivo para atrair seu cuidado e serviço. Mas no que mais esmero punham era em instruir os enfermos na doutrina cristã, em exortá-los a sofrer com paciência as enfermidades, em prepará-los para receber com fruto os santos sacramentos e por último em confortar suas almas com palavras de muito consolo e ternura no transe último da morte. Divulgaram-se estes caritativos ofícios por toda a cidade e em breve tempo teve Camilo muitos companheiros que, movidos de superior impulso, queriam seguir seu instituto. Os vizinhos de Roma, vendo a graça particular que aqueles novos ministros dos enfermos tinham para assisti-los na agonia de uma maneira que tranquilizavam suas almas, chamavam-nos a suas casas para receber deles o mesmo consolo.

Vendo São Camilo a prosperidade com que conduzia Deus seus intentos e que tinha um número suficiente de companheiros para formar a congregação projetada, solicitou do santo padre Sisto V um breve apostólico que aprovasse aquela congregação; e com efeito o logrou, sendo aprovada a 18 de março de 1586 . Gregório XIV, satisfeito dos proveitosos serviços que esta congregação fazia ao povo cristão, elevou-a a estado formal de religião por bula expedida a 15 de outubro de 1591, elegendo a Camilo por geral perpétuo da religião que havia fundado. Vendo o servo de Deus perfeitamente cumpridos seus desejos, aplicou toda a sua atenção à propagação de seu instituto e ao cuidado dos enfermos. São indizíveis suas diligências, suas ânsias e trabalhos para cuidar de

que os hospitais estivessem bem providos, servidos e consolados os doentes. Fez para este efeito muitas e penosas viagens; estendendo-se sua caridade a todo gênero de necessitados, a quem socorria com tão copiosas esmolas que obrigou a cooperar com elas, com seus milagres, a divina Onipotência. Manifestava-se em tudo um homem de caridade, fazendo-se tudo para todos e desejando fazer sacrifício de sua vida em benefício de seus irmãos. Viu-se isto com mais claridade no ano de 1594 , em que Deus afligiu Roma com uma peste funesta. Este terrível monstro, acompanhado da fome, parece que queria desolar aquela cidade. Todas as casas, principalmente de gente pobre, estavam cheias de contagiados e de miseráveis que, faltos de todo auxílio, rendiam a vida, acabados pela necessidade ou pela peste. Os que ficavam livres desatendiam o cuidado dos infelizes para precaver-se do contágio. Por todas as partes se viam ou cadáveres ou moribundos que, postos no último extremo, destituídos de todo amparo, esperavam a morte sem mais consolo que o de ver-se morrer mutuamente pais e filhos sem poderem dar-se socorro. Nesta situação tão dolorosa, foi um remédio universal a caridade de Camilo e de seus filhos, os quais, sem reparar em trabalhos, incomodidades nem no perigo de vida, acudiam a todas as partes para assistir aos enfermos. Aplicavam-lhes medicinas, administravam-lhes o sustento, limpavam suas asquerosidades, dando do modo possível alívio e consolo a todos. Sucedeu alguma vez achar-se casas fechadas, porque todos os seus habitantes se achavam enfermos e debilitados, de maneira que não tinham forças para levantar-se a abrir as portas. Camilo levava escadas, entrava pelas janelas e deste modo fazia aqueles infelizes participantes de sua caridade. Não se contentava esta com seus serviços pessoais, mas persuadia as pessoas ricas a que concorressem com suas esmolas para multiplicar com elas os socorros e facilitar o alívio de tantos necessitados. Buscava gente a seu soldo e fazia que fossem pelos estábulos e cavalariças e por outros lugares onde estavam os enfermos rodeados de cadáveres e já quase sem alento. Fazia-os conduzir aos hospitais e a outros lugares oportunos, onde por suas diligências recuperavam a saúde ou morriam consolados, recebendo os santos sacramentos da penitência e da Eucaristia.

Terrível foi o açoite que recebeu Roma com esta peste, e sem dúvida teria ficado despovoada se em Camilo e seus filhos não tivesse preparado sabiamente a divina Providência o remédio a tantas calamidades. Não se acabaram estas com a extinção do contágio, porque daí a dois anos, saindo o Tibre de madre, causou novos estragos e pôs em grande consternação todos os seus vizinhos. Principalmente experimentou os funestos efeitos o hospital do Espírito Santo, aonde chegou a inundação das águas, de maneira que já quase se afogavam os desvalidos enfermos. Apenas chegou à notícia de Camilo este terrível conflito, voou desolado ao hospital e, entrando pela água nas peças inundadas, começou a tirar enfermos sobre seus próprios ombros, e até as camas mesmas, perseverando dia e noite naquele trabalho por espaço de três dias. Igual benefício experimentaram as cidades de Nola e de Milão no tempo em que a Justiça divina castigava os pecados dos homens com uma terrível peste. Morriam os infelizes nas praças e ruas, apartando o receio de perder a vida até os mais piedosos das camas dos enfermos. Não sucedeu assim com Camilo e seus religiosos, que, apenas tiveram notícia daquela calamidade, correram presurosos a remediá-la, fazendo sacrifício de suas vidas, sendo necessário, nas aras da caridade. Sucedeu assim com efeito, porque, pegando-se o contágio a cinco de seus filhos, lograram uma gloriosa morte por salvar a vida a seus próximos. Era sensível esta falta a Camilo, porque advertia que cada um daqueles primeiros companheiros que se lhe juntavam era um forno de caridade e um exemplar vivo de todas as virtudes. Mas, como seu instituto era todo obra de Deus e seu objeto o servir e consolar os próximos nas mais extremadas misérias, cuidavam de sua conservação e

propagação Deus e os homens. Por cada um que morria acudiam muitos varões piedosos que pretendiam abraçar o instituto, sendo os mortos como os grãos de trigo do Evangelho, que multiplicavam prodigiosamente os frutos. A maior parte das cidades da Itália pretendia que Camilo estabelecesse um convento, prometendo-lhe por sua parte ajudar na fábrica e proporcionar as subsistências temporais em troca dos espirituais socorros que haviam de receber. Desta maneira se viu este nascente instituto maravilhosamente propagado por toda a Itália, onde se demarcaram várias províncias para estabelecer com maior facilidade a observância regular, a ordem e a obediência. Visitava-as todas o glorioso patriarca por si mesmo, sem que nem o penoso dos caminhos nem a escassez dos meios entibiassem seu ardente zelo. Os pontos mais essenciais de suas visitas eram unicamente pertencentes à caridade: se se assistia com esmero aos enfermos; se se lhes regalava e consolava; se se lhes ministravam todos os auxílios da religião para sanar suas almas da culpa ao tempo que se curavam seus corpos; se estes esmeros eram mais ativos e diligentes com os mais asquerosos; e por último, se nas últimas horas da vida dulcificavam as amarguras da agonia com palavras de vida que avivassem nos enfermos a esperança cristã: tais eram os capítulos de suas visitas e o que levava as principais atenções do caritativo padre. Contudo, não esquecia por isso os demais pontos da regra e constituições, conhecendo que muitas vezes entra a relaxação num corpo observante por um pequeno resquício.

Jubiloso se achava Camilo com o prodigioso aumento que havia tomado sua religião e com a prosperidade que Deus ia derramando sobre ela; mas ao mesmo tempo contristava seu ânimo o ver-se superior, em cujo cargo lhe era indispensável o receber muitas honras que aborrecia sua humildade e estar sujeito a um sem-número de obrigações delicadas que temia sua escrupulosa consciência. Por este motivo considerou que aquela obra tão felizmente principiada cresceria com mais rapidez posta em outras mãos e ele viveria mais tranquilo, atendendo unicamente à santificação de sua alma e ao serviço de seus enfermos. Determinou, pois, fazer renúncia do generalato nas mãos do cardeal protetor; e, embora este purpurado interpusesse sua autoridade e suas razões para que não se verificasse a renúncia, tudo foi inútil para com um santo em quem competiam os ardores da caridade com os abatimentos e humilhações que solicitava para sua pessoa. Não quis o protetor negar este consolo ao fervoroso e humilde Camilo; e assim, no ano de 1607, admitiu-lhe a renúncia que fez do generalato, deixando-o contentíssimo porque já não tinha que pensar em outra coisa que em preparar-se para a morte, que contemplava já muito próxima. Não se contentou o servo de Deus com renunciar a suprema prelazia de sua religião, mas, para exercitar-se mais livremente em todas as suas virtudes, renunciou igualmente a mais mínima isenção ou privilégio que pudesse corresponder-lhe por ter sido fundador. Reduzido deste modo ao simples estado de súdito, igual em tudo a qualquer sacerdote professo, retirou-se ao hospital da Anunciata de Nápoles. Neste lugar de piedade entregou-se inteiramente aos jejuns, à oração e à penitência, dividindo entre estes exercícios e a assistência dos enfermos toda a sua atenção e todos os seus cuidados. Celebrou-se por então capítulo geral em Roma, ao qual não quis assistir, fugindo das honras e dignidades com tanto empenho como costumam outros pôr em pretendê-las. Mas por isto não pôde impedir que o geral lhe desse várias comissões para visitar os conventos de Gênova e Milão, persuadido de que só sua caridade e sua presença poderiam regrar os negócios daquelas casas. Nelas assistia incessantemente a curar e limpar os enfermos, entre quem dizia ter todas as suas delícias. Muitas noites as passava em vigília, cuidando mais do bem espiritual dos que estavam em agonia que de receber seu necessário descanso. Aos administradores dos hospitais fazia contínuas representações solicitando subsistências para os pobres enfermos; e,

como conheciam o fervoroso zelo e caridade de onde nasciam suas solicitudes, procuravam contentá-lo, persuadidos de que nisto mesmo faziam a vontade de Deus. Evacuadas as comissões que lhe encarregou seu geral, passou a Roma e alcançou dele licença para ficar todas as noites no hospital do Espírito Santo, com o desígnio de assistir na agonia os enfermos de maior perigo.

Este sítio era o que apetecia sua alma para dar-lhe todo o desafogo que sua ardente caridade necessitava. Ali entabulou um teor de vida que reunia em si todas as asperezas da maior mortificação, todas as doçuras da vida contemplativa e todos os exercícios da vida ativa e oficiosa. Na festa de Todos os Santos do ano de 1609 começou a adotar o método de vida seguinte: todas as noites, depois de dar a seu corpo o breve repouso de quatro horas de sono num aposento do mesmo hospital, descia ao oratório, onde passava algum tempo em oração diante do Santíssimo Sacramento. Visitava depois todas as camas; e, se achava algum que estivesse moribundo, confessava-o e administrava-lhe a Eucaristia, pondo-se depois a sua cabeceira e dizendo-lhe palavras de consolação com que prepará-lo para a última hora. Administrava a extrema-unção, a Eucaristia ou a penitência, segundo a necessidade do enfermo, sem abandoná-lo até que morria cristãmente ou o deixava com as disposições necessárias para isso. Finalizada esta visita, voltava ao oratório, onde tinha uma hora de oração; mas, se havia algum enfermo de perigo, tinha-a à cabeceira de sua cama. Acabada a oração, voltava a visitar os enfermos, acomodando-lhes a roupa, aquecendo-lhes os pés e mudando-lhes ou enxugando-lhes as camisas se estavam molhadas do suor. Em tempo de verão, em que a sede mortificava extraordinariamente os enfermos, tomava um jarro de água fria e ia de cama em cama umedecendo os lábios e refrigerando a boca dos pobres enfermos, que recebiam com esta caritativa diligência um consolo inexplicável. Ia depois a dar-lhes alguma conserva, biscoitos ou algum outro confortativo, segundo as necessidades respectivas; e para este efeito pedia esmolas e lhas davam muito copiosas seus devotos. Ao tempo de dar as medicinas, acompanhava os enfermeiros, animando os doentes, tirando-lhes a repugnância que tinham em tomá-las com palavras graciosas, ditadas pela caridade. Chegada a hora em que havia de administrar o Santíssimo Sacramento aos enfermos, renovavam-se todos os esforços deste abrasado serafim. Corria às camas, perguntava se tinham necessidade de reconciliar-se, exortava-os a doer-se de suas culpas e a fazer atos de fervorosa contrição. Depois de recebido o viático, fazia aos enfermos discursos espirituais, movendo-os a dar graças a Deus pelo benefício de ter visitado suas almas e a levar com paciência as dores da enfermidade. Acabado isto, fazia as camas e mudava a roupa àqueles que via que o necessitavam mais, em cujo exercício sofria com gosto um fedor intolerável. Tudo o referido fazia-o até pouco depois de amanhecer. A esta hora retirava-se a seu aposento, rezava com quietude o ofício divino e curava aquela penosa chaga que o martirizou todo o discurso de sua vida. Preparava-se depois fervorosamente para dizer missa, como se os exercícios anteriores tivessem podido distrair seu espírito; dizia-a com muita atenção, devoção e lágrimas, aplicando-a comumente pelos enfermos que estavam em maior perigo. Acabadas as ações de graças, voltava ao hospital para a continuação de suas obras caritativas até que chegava a hora de comer. Ajudava a administrar a comida aos enfermos; fazia as camas aos que tinham maior necessidade, dizendo-lhes ao mesmo tempo muitas palavras de consolação com um semblante alegre e festivo, e voltava a sua casa. Nela se divertia em ler algumas horas até que, chegada a noite, começava seus exercícios como no dia precedente.

Mais de três anos permaneceu o santo neste teor de vida com admirável constância, até que no de 1612, contemplando o geral que sua presença era sumamente útil para avivar nos conventos o fogo de caridade de que estava abrasado, mandou-lhe que o acompanhasse na visita do convento de Nápoles e de outras várias casas. No ano seguinte assistiu ao capítulo geral, no qual foi eleito o padre Francisco Antônio Nilo por supremo superior da ordem. Imediatamente começou este sua visita; e, não obstante a oposição que fizeram a humildade e tranquilidade de Camilo para não acompanhá-lo nela, houve de condescender por fim, animado dos copiosos frutos que o geral lhe prometia. Na santa casa de Loreto deu feliz princípio a esta expedição, dizendo missa e pedindo à Mãe de Deus seu amparo e favor para o transe da morte que já pressentia. Tendo visitado as casas de Bolonha, Ferrara, Mântua e Milão, chegou a Gênova, onde os males e achaques que padecia se lhe agravaram de modo que chegou a desconfiar-se de sua vida. Restabelecido algum tanto, fez que o conduzissem a Roma e, ao entrar em sua casa, disse aquelas palavras do Profeta: *Aqui será meu descanso.* Receberam-no os religiosos com extraordinária devoção e regozijo, beijaram-lhe a mão como a seu pai e patriarca; e, solícitos por conservar uma vida tão preciosa, fizeram que se deitasse em cama, onde o cuidaram e regalaram com o amor e ternura de filhos. Estes esmeros produziram algum efeito, porque daí a alguns dias se achou notavelmente restabelecido. Não quis o santo perder estes instantes de melhoria sem empregá-los naquelas ocupações de caridade que lhe haviam merecido todas as atenções de sua vida. Fez que o levassem à igreja de São Pedro para encomendar ao príncipe dos apóstolos o cuidado e aumento de um instituto tão proveitoso. Ao passar a ponte de Sant'Angelo, comoveu seu coração de tal maneira a vista do hospital de Santo Spirito que se fez levar ali e, apoiado em dois religiosos, visitou as camas dos enfermos, dizendo-lhes palavras de muita edificação e ternura. Todos os ministros do hospital se comoveram com sua chegada; uns lhe beijavam a mão, outros lhe pediam a bênção, e todos se animavam mutuamente a andar mais vigilantes, alegando por razão que já havia vindo o padre Camilo. Visitou a igreja de São Pedro com fervorosa oração, encomendando ao santo apóstolo o cuidado de sua religião. Ia-se pouco a pouco acabando a vida deste incomparável varão, que devera ser interminável; mas ao mesmo passo cresciam mais os ardores de sua acesa caridade. Poucos dias passaram e, parecendo-lhe que tinha algumas forças, fez que o levassem a seu amado hospital, que era o único sítio onde encontrava algum alívio nas muitas dolências que padecia. Os esforços que fez para servir aos enfermos, os muitos discursos com que os animou ao amor de Deus e ao aborrecimento de suas culpas e as lágrimas que vertia sobre aqueles infelizes só se podem conceber refletindo sobre aquela heroica caridade que foi o distintivo de todas as suas ações. «Bem sabe Deus — dizia aos enfermos — que quisera ficar para sempre convosco; mas, já que isto não me é dado, estai certos de que fico convosco com a alma e com o coração.» De volta para seu convento sobreveio-lhe um desmaio que o obrigou a retirar-se a uma tenda, de onde, trasladado a seu convento, deitou-se em cama para morrer. Logo que se publicou em Roma o perigoso estado de sua vida, foi inumerável o concurso de pessoas de todas as classes e estados que acudiam a visitá-lo; mas o santo não recebeu senão pessoas muito espirituais, cujos santos conselhos podiam servir-lhe para lograr uma morte preciosa diante do Senhor. Naqueles dias foi admirável o arrependimento que manifestou de suas culpas, pedindo a Deus perdão e misericórdia com tanta compunção e lágrimas como se não as tivesse derramado abundantemente e satisfeito por elas em tantos anos de piedade e de caritativos exercícios. Sofreu com uma paciência invicta as muitas dores e angústias que lhe ocasionavam cinco enfermidades que padeceu a um mesmo tempo, sem que no discurso de todas elas se lhe tivesse ouvido uma só queixa. Agravada, enfim, a enfermidade,

administraram-se-lhe os santos sacramentos, que recebeu com suma devoção e inexplicável consolo de sua alma. Chamou seus filhos, deu-lhes sua bênção, exortou-os ao amor fraterno, a cuidar exatamente dos enfermos e ao exercício de todas as virtudes; e, tendo fixado seus olhos num santo crucifixo, repetindo os dulcíssimos nomes de Jesus e de Maria, exalou sua alma com aquela tranquilidade com que morrem os justos. Sucedeu seu ditoso trânsito no dia 14 de julho de 1614, sendo a esse tempo de sessenta e cinco anos de idade. Sua portentosa santidade foi acreditada por Deus, já com o suave odor que exalava seu cadáver, o qual ficou com extraordinária formosura, já com vários milagres que por sua intercessão obrou a divina Onipotência. Bento XIV, tendo precedido o informe correspondente, beatificou-o em 1742 e, no dia 29 de julho de 1746 , o mesmo santo padre o pôs com a maior pompa no catálogo dos santos.

Martirológio Romano

Em Bamberg, Santo Henrique I, imperador, que com sua esposa Santa Cunegundes guardou perpétua castidade e ganhou para Jesus Cristo a Santo Estêvão, rei da Hungria, com quase todo o seu reino.

Em Porto, a festa dos mártires Santo Eutrópio, Santa Zósima e sua irmã Santa Bonosa.

Em Cartago, São Catulino, diácono, cujo elogio pronunciou Santo Agostinho num sermão ao povo; e os mártires São Januário, São Florente, Santa Júlia e Santa Justa, cujos corpos foram depositados na basílica de Fausto.

Em Alexandria, São Filipe, São Zenão, São Narseu e dez meninos, mártires.

Na ilha de Tenedos, Santo Abudêmio, mártir, que padeceu sob o poder de Diocleciano.

Em Sebaste, Santo Antíoco, médico, decapitado sob o presidente Adriano; e, como visse o verdugo Ciríaco sair leite em vez de sangue da santa cabeça, converteu-se ele também a Jesus Cristo e padeceu o martírio.

Em Pavia, São Félix, bispo e mártir.

Em Nísibis, a festa de Tiago, bispo daquela cidade, varão de grande santidade. Esclarecido em milagres e erudição, foi do número dos confessores que, no tempo da perseguição de Galério Maximiano, no concílio de Niceia condenaram a perversidade de Ário, opondo-lhe o dogma da consubstancialidade. Pelo mérito de suas orações e as do bispo Alexandre, recebeu o mesmo Ário uma recompensa digna de sua maldade, rebentando-se-lhe as entranhas em Constantinopla.

Em Nápoles, na Campânia, Santo Anastásio, bispo daquela cidade, o qual, tendo padecido muitos ultrajes do ímpio Sérvio, seu sobrinho, e sido expulso por ele de sua cadeira, morreu devorado de pesares em Veroli, aonde se havia retirado no tempo de Carlos, o Calvo.

Em Palermo, a invenção do corpo de Santa Rosália, virgem, o qual, achado no pontificado de Urbano VIII de um modo milagroso, livrou a Sicília da peste no ano do Jubileu.

Em Champagne, Santa Evrônia, virgem.

Perto de Chinon, na Touraine, São João do Montier, presbítero, natural da Bretanha.

Em Angers, São Bento, bispo, do qual há relíquias em São Maurílio.

Em Vic, diocese de Metz, São Bernardo, confessor. Em Sírmio, os santos mártires Agripino, Segundo, Máximo, Fortunato e Marcial.

Em Verden, na Saxônia, São Herruc, bispo daquela cidade.

Em Moscou, São Vladimir, duque.

Na Escandinávia, São Davi, abade, da ordem cluniacense.

Em Valência, na Espanha, a bem-aventurada Teresa, princesa, cujo corpo se venera naquela cidade, na igreja de Nossa Senhora da Graça.

Missa (oração)

A missa é própria e trata da caridade do santo; a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui sanctum Camillum ad animarum in extremo agone luctantium subsidium singulari charitatis prærogativa decorasti; ejus, quæsumus, meritis spiritum nobis tuæ dilectionis infunde, ut in hora exitus nostri hostem vincere, et ad cælestem mereamur coronam pervenire. Per Dominum nostrum.*

Português: Ó Deus, que adornastes São Camilo de uma singular prerrogativa de caridade para socorrer as almas que lutam na última agonia, infundi em nós por seus merecimentos o espírito de vosso amor, para que na hora de nossa morte mereçamos vencer o comum inimigo e chegar à coroa celestial. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é da primeira de São João Evangelista, capítulo 3.

1 João 3,13-18

> **Latim:** [13] Nolite mirari, fratres, si odit vos mundus. [14] Nos scimus quoniam translati sumus de morte ad vitam, quoniam diligimus fratres. Qui non diligit, manet in morte : [15] omnis qui odit fratrem suum, homicida est. Et scitis quoniam omnis homicida non habet vitam æternam in semetipso manentem. [16] In hoc cognovimus caritatem Dei, quoniam ille animam suam pro nobis posuit : et nos debemus pro fratribus animas ponere. [17] Qui habuerit substantiam hujus mundi, et viderit fratrem suum necessitatem habere, et clauserit viscera sua ab eo : quomodo caritas Dei manet in eo ? [18] Filioli mei, non diligamus verbo neque lingua, sed opere et veritate :

Português: [13] Não vos admireis, irmãos, de que o mundo vos tenha odio. [14] Nós sabemos, que nós fomos trasladados da morte para a vida, porque amamos a nossos irmãos. Aquelle que não ama, permanece na morte : [15] todo o que tem odio a seu irmão, he hum homicida. E vós sabeis, que nenhum homicida tem a vida eterna permanente em si mesmo. [16] Nisto temos nós conhecido o amor de Deos, em que elle deo a sua vida por nós: e nós devemos tambem dar a nossa vida pelos nossos irmãos. [17] O que tiver riquezas d'este mundo, e vir a seu irmão ter necessidade, e lhe fechar as suas entranhas : como está nelle a caridade de Deos? [18] Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de lingua, mas por obra e em verdade:

Reflexões

Uma verdade essencial nos propõe São João Evangelista na epístola deste dia, na qual estriba todo o edifício da virtude e toda a ordem da vida cristã. Esta verdade se reduz a que o amor do mundo e o amor de Deus e do próximo são dois amores opostos. O mundo não estima senão suas obras, aborrece a luz, está inimizado com a ordem, ama a confusão, e então está mais satisfeito quando vive entre trevas. Por esta causa aborrece e persegue os filhos de luz, isto é, aqueles que seguem os conselhos e preceitos do Pai das luzes; mas São João adverte que não nos devemos maravilhar de que o mundo nos aborreça, porque nisto mesmo dá uma prova de sua maldade e outra da excelência da caridade e do proveitoso que é o amor de Deus e do próximo. O exemplo de Abel e de Caim confirma uma e outra coisa; no primeiro se significa o amor de Deus e em Caim o amor do mundo. As obras deste eram más, as de seu irmão santas e justas; por esta causa sofreu o inocente Abel a perseguição de seu irmão até chegar ao ponto de perder a vida. Tudo isto nos ensina que devemos fazer todos os sacrifícios mais dolorosos para conservar em nós a virtude da caridade. Ela é, segundo nos diz a Escritura, o vínculo da perfeição, porque une, estreita e ata entre si todas as virtudes, de maneira que sua só posse qualifica a vida de perfeitamente cristã. O mesmo apóstolo São João o insinua quando assegura que o mais mínimo defeito na caridade nos acarreta a morte do pecado. Pelo contrário, o que deseje ter em si a vida permanente da graça deve exercitar-se nas obras de caridade, amando a Deus primeiramente e, por Deus, o próximo.

Mas deve estar advertido todo cristão que, obrando desta maneira, há de sofrer as contradições do mundo. Este é sumamente zeloso, e seu zelo passa com facilidade a inveja, e de inveja a furor. Sente que não se amem as coisas que a ele lhe pertencem e em que propõe aos homens uns bens aparentes e falsas delícias. Contrista-se quando vê empregar em outro objeto o amor e as atenções que deseja para si mesmo. Daqui nasce aquele ímpeto, aquele furor com que persegue aqueles homens felizes cujos corações chegaram a penetrar-se do amor de seus irmãos. Não há ardil de que não se valha para retraí-los nem meio que não empregue para desacreditar sua conduta. Exagera até o sumo os trabalhos e penalidades da vida ativa; pinta com as cores mais negras o semblante dos inimigos; pondera o intolerável das injúrias; e, quando com estas tretas não pode apartar o cristão dos exercícios da caridade, dá a esta virtude nomes odiosos que costumam atemorizar muitas vezes os que não estão nela muito radicados. Qualifica de soberba e de desejo de assinalar-se entre os demais aquele esmero fervoroso com que procuram os caritativos averiguar as necessidades de seus irmãos e achar todos os meios de socorrê-las. Calunia muitas vezes o caritativo, notando-o de avarento e ambicioso, supondo que converte em seu próprio proveito parte dos bens que consegue para os pobres; e, quando isto não suceda, que solicita conseguir por este meio sua exaltação e sua glória. E, dado caso que lhe saiam falidas estas tramas, tem o comum pretexto de qualificar de hipocrisia a mais acendrada virtude. Tais são os artifícios de que se vale o mundo contra a caridade; mas são artifícios que, descobertos e prevenidos de antemão pela divina sabedoria, não devem servir para outra coisa que para tornar a virtude do cristão mais ilustrada e segura. Apenas tem havido um justo cujas operações não tenham sido caluniadas; e isto mesmo é uma prova da malignidade do mundo e um excitativo poderoso para não acovardar-te quando tu as padeceres pelo exercício da caridade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João.

João 15,12-16

> **Latim:** 12 Hoc est præceptum meum, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos. 13 Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis. 14 Vos amici mei estis, si feceritis quæ ego præcipio vobis. 15 Jam non dicam vos servos : quia servus nescit quid faciat dominus ejus. Vos autem dixi amicos : quia omnia quæcumque audivi a Patre meo, nota feci vobis. 16 Non vos me elegistis, sed ego elegi vos, et posui vos ut eatis, et fructum afferatis, et fructus vester maneat : ut quodcumque petieritis Patrem in nomine meo, det vobis.

Português: 12 O meu preceito he este, que vós ameis huns aos outros, como eu vos amei. 13 Ninguem tem maior amor do que este, de dar hum a propria vida por seus amigos. 14 Vós sois

meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando. [15] Já vos não chamarei servos: porque o servo não sabe o que faz seu Senhor. Mas chamei-vos amigos: porque vos descobri tudo quanto ouvi de meu Pai. [16] Vós não fostes os que me escolheste a mim: mas eu fui o que vos escolhi a vós, e o que vos constitui, para que vades, e deis fruto: e para que o vosso fruto permaneça: para que tudo quanto vós pedirdes a meu Pai em meu nome, elle vo-lo conceda.

Meditação

Sobre o amor do próximo

Primeiro ponto

Considera que Jesus Cristo diz que o amar o próximo é seu preceito por excelência, como que nele se cifram e reúnem todas as perfeições da vida cristã e que por conseguinte deves mover-te a executar suas obras maravilhosas, não te contentando com a mediania.

Não se pode duvidar de que, ao mesmo tempo que Jesus Cristo chamou ao preceito de amar o próximo preceito seu, denotou a predileção que dele tinha a respeito dos demais preceitos; que encarregava aos homens particularmente sua observância, como de uma coisa que levava todas as atenções de seu coração; e por último que nele constituía a suma necessidade para chegar à felicidade eterna. Este preceito se explica por estas palavras: *Amarás ao teu próximo como a ti mesmo*; palavras cuja inteligência nos adverte de todas as nossas obrigações, se previamente formamos de nossa religião sacrossanta um juízo justo e exato. Por elas nos manda que amemos nosso próximo da mesma maneira que nos amamos a nós mesmos. Mas, ó grande Deus, quanta variedade há entre os homens acerca do amor com que a si mesmos se amam! Há homens que, como se não tivessem uma alma racional, cujo espírito incorruptível há de durar para sempre, só amam em si o animal, o sensitivo e o perecível. Manifestam este amor procurando-se todas as delícias possíveis, todos os objetos dos sentidos e tudo aquilo a que os arrasta sua depravada concupiscência. Estes tais se amam a si mesmos, mas de um modo que seria um delito o amar o próximo da mesma maneira. Por isso diz Santo Agostinho: *Olha primeiramente se sabes amar-te a ti mesmo, e em tal caso te encomendarei teu próximo, para que o ames como a ti mesmo.* Ao que acrescenta São Próspero: *Então amamos o próximo quando atendemos a sua saúde, para que a empregue nos bons costumes e em obras úteis para a consecução da vida eterna.*

Daqui se infere que devemos amar o próximo desejando que pratique como nós a virtude e ajudando-o para isso com as obras exteriores. Isto se explica com aquelas palavras de que usam os mestres de espírito quando dizem que se deve amar o próximo com o desejo e com a obra. No primeiro se significa que lhe devemos desejar todos os bens imagináveis e neles uma verdadeira felicidade; no segundo, que para este efeito devemos ajudá-lo com nossas boas obras, considerando que é a imagem de Deus pintada por sua mão na criação, para que nela reconhecêssemos a nosso Deus e nos movêssemos a amá-lo; considerando também que nosso

próximo foi redimido com o precioso sangue de Jesus Cristo como o fomos nós, que é dizer que devemos amá-lo como a uma coisa tão preciosa que não duvidou Deus dar por ela um preço infinito; e finalmente considerando que nosso próximo é uma parte nossa, como membro que é do corpo místico da Igreja, na qual, diz São Paulo, muitos indivíduos formamos um corpo em Cristo, e cada um é membro e parte do outro. Todas estas considerações te persuadem a necessidade, a obrigação e a excelência da caridade e ao mesmo tempo que não deves contentar-te com uns ofícios comuns nesta matéria, mas que, à imitação de São Camilo, deves aspirar a sua maior perfeição.

Segundo ponto

Considera que o amor-próprio é um inimigo tão sutil e astuto que costuma embaraçar aquelas obras heroicas em que se manifesta com maior brilho a caridade cristã, persuadindo os homens de que em sua execução hão de padecer muitos danos.

Entre todas as obras de misericórdia com que se manifesta a caridade, uma das mais brilhantes é visitar os enfermos, socorrê-los, cuidá-los e dar-lhes todos os auxílios que são necessários para sua cura e restabelecimento. Tudo isto não se pode executar sem vencer primeiro uma multidão de repugnâncias que opõe nosso amor-próprio e que não se acham nas demais obras de misericórdia. O comunicar a outro as luzes de sabedoria de que estás adornado; o dirigir suas operações com teus conselhos e o empregar tua fazenda em aliviar suas necessidades corporais são umas obras em que nada se aventura. Talvez delas mesmas te resulta honra, e tua vaidade encontra uma isca com que alimentar aquele desejo que têm os homens de manifestar-se superiores uns a respeito dos outros. Até a distribuição dos bens temporais se faz sem repugnância quando há uma mediana fortuna e leva consigo a recompensa do agradecimento. Mas o assistir àqueles miseráveis irmãos nossos que jazem submersos entre a hediondez das enfermidades, entre os perigos do contágio e sobretudo o auxiliá-los quando estão próximos da morte causa um horror que costuma espantar nossa fraca natureza. Todos os sentidos encontram nestes objetos um martírio que os atormenta. Os olhos veem a podridão, a miséria, a pobreza e todos os males que oprimem o enfermo. O olfato é atormentado com o fedor intolerável que despedem de si uns corpos miseráveis que estão próximos a sua dissolução. A imagem da dor e da morte cravam-se no coração do homem e amedrontam sua alma. O amor-próprio aviva e aumenta todas estas imagens e faz conceber um perigo próximo de ver-nos tão miseráveis como aqueles infelizes a quem devemos socorrer, e chega a persuadir-nos de que não estamos obrigados a fazê-lo, porque temos obrigação de cuidar de nossa própria vida.

Se se consideram com reflexão todos estes inconvenientes, achar-se-á que são umas ilusões com que o amor-próprio nos engana e com que pretende despojar a caridade de seus direitos. São João Evangelista (1Jo 3) dá a ideia mais sublime desta grande virtude, manifestando em poucas palavras a conduta que devemos observar em sua prática e as razões desta conduta. «A caridade de Deus — diz — fez-se patente a nossos olhos em que o mesmo Deus expôs sua vida por nós; e, em consequência, também nós devemos expor as nossas por nossos irmãos.» Este exemplo do Filho de Deus, Jesus Cristo, é tão patente e persuade com uma eficácia tão poderosa que não se

lhe pode resistir. Ele deu sua preciosa vida nos tormentos de uma cruz para a redenção do gênero humano e para libertar nossa natureza dos males e enfermidades a que estava sujeita pela culpa. O mesmo Filho de Deus publicou que não era digno de chamar-se discípulo seu o que não seguia seus passos. Daqui se infere que têm os cristãos uma obrigação estreita de imitar a Jesus Cristo, expondo sua vida em benefício de seus próximos. Isto mesmo persuade a ordem da caridade, segundo a qual nosso amor deve empregar-se no maior bem. Primeiro devemos amar a Deus que ao próximo, porque Deus é um bem sumo, onde se reúnem todas as razões que pode ter o homem para amar, as quais são infinitamente superiores às que se encontram nas coisas criadas. Da mesma maneira, o bem espiritual do próximo se deve preferir aos bens próprios temporais, sem excetuar deles a vida, porque assim o exige a ordem da caridade, assim o ensina a sagrada Escritura e assim o praticou o mesmo Jesus Cristo. Reflete e medita bem a conduta de São Camilo, principalmente na assistência dos empestados, e acharás que a fraqueza humana pode com a graça seguir os grandes exemplos de teu Redentor, como com efeito os seguiram tantos varões piedosos.

Jaculatórias

> *In hoc apparuit charitas Dei in nobis; quoniam ille pro nobis animam suam posuit.* 1Jo 3.

O amor que Deus nos tem manifestou-se em que deu gostosamente sua vida para que nós tivéssemos uma felicidade eterna.

> *Si sic Deus dilexit nos, et nos debemus alterutrum diligere.* 1Jo 4.

Já que Deus nos ama sacrificando o temporal pelo eterno, da mesma maneira devemos nós amar a nossos irmãos, desprezando por eles os perigos.

Propósitos

1. A caridade, diz São Paulo, tudo vence, tudo supera, tudo dissimula, por tudo passa. O que é verdadeiramente caritativo unicamente se propõe em suas operações aquele sublime princípio de Jesus Cristo que se acha no capítulo 6 de São Lucas: *Fazei com os homens tudo aquilo que desejaríeis que eles fizessem convosco.* Nesta suposição, imagina-te enfermo de uma enfermidade asquerosa, oprimido da indigência, falto de todos os auxílios da fortuna e reduzido ao miserável estado de não poder socorrer-te a ti mesmo. Imagina-te num hospital rodeado de outros enfermos e de alguns cadáveres, sujeito a presenciar os horrores da morte, debilitados teus membros,

fatigado das dores da enfermidade, coberto de podridão e de miséria e sofrendo o fedor e as asquerosidades de uma pestífera enfermidade. Neste estado, quais serão teus pensamentos? Que é o que desejarias então que praticassem contigo teus irmãos? Que juízo formarias daqueles corações duros nos quais não fizessem mossa tua miséria e teus lamentos? Que estima te mereceriam as vãs escusas do asseio, da náusea e do perigo de vida que opusessem teus próximos para eximir-se de socorrer-te? Como poderias persuadir-te de que eram verdadeiramente cristãos e imitadores de Jesus Cristo os que te deixassem morrer abandonado a tua enfermidade, a tua podridão e a tua miséria? Não há dúvida de que, constituído juiz deles e tendo-os de julgar pelo código do Evangelho, pronunciarias contra eles sentença, declarando-os não somente maus cristãos, mas inimigos de Jesus Cristo e quebrantadores de sua lei sacrossanta. Acusá-los-ias de duros, de cruéis e de ímpios; ou ao menos não lhes poderias perdoar que naquele conflito não te favorecessem com socorros espirituais que fortalecessem tua alma e te animassem à paciência. Isto mesmo te deve convencer de que estás tu obrigado a fazer estes mesmos ofícios com teus próximos que se acham em igual miséria. Tu desejarias que te assistissem, que te limpassem, que te administrassem as medicinas e que consolassem tua alma com discursos espirituais; pois eis aqui o mesmo que tu deves fazer segundo o princípio estabelecido pela justiça infinita. A execução é difícil, é trabalhosa, considerada nossa fraqueza. Todo o conjunto de erros que se apresentam nas misérias desta classe arreda à primeira vista o que não está bem cimentado na caridade; mas o que possui esta sublime virtude vence com facilidade todas as repugnâncias da natureza e chega felizmente à prática daquelas heroicas obras a que estimula a graça. Propõe-te manifestar-te daqui em diante convencido destas santas considerações. Procura assistir aos hospitais, visitar caritativamente os enfermos, ajudá-los com regalos e medicinas, se te deu posses para isso a divina misericórdia; e, se não, supre este defeito com práticas espirituais e palavras de consolação que animem teus irmãos a sofrer os trabalhos com paciência e a resignar-se em tudo com as santas disposições da divina sabedoria.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:20 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:20 by Admin